

Rede de Dormir Varzeagrandense

Verdades sobre nossa Rede Varzeagrandense!

Jose Wilson Tavares¹

¹. Bacharel e Licenciado em História e Especialista em Gestão Escolar pela UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: áfricas@terra.com.br

Resumo

A tecelagem indígena no estado de Mato Grosso, inclusive em Várzea Grande, tem suas peças produzidas a partir das tramas de fios que deram origem a rede de dormir ou de descanso como é conhecida em todo o território brasileiro. A partir da arte indígena e do contato com os caboclos e aventureiros nesta região varzeana do Mato Grosso ainda em fins do século XVII e início do século XVIII, tantos paulistas quanto portugueses, durante a famosa marcha para o oeste que ocupou estas terras do Cuiabá, navegando pelo Tietê na Província de São Paulo até o Cuiabá e rio Coxipó Mirim. Arte indígena, que criavam peças que eram utilizadas para descanso ou dormir, bem como para vestimentas na proteção do corpo, as quais eram chamadas de panão. Herança de uma arte que resiste ao tempo como utensílio de uso doméstico em todos os rincões do Brasil. Os índios da Etnia Guanús habitavam estas terras à margem direita do rio Cuiabá e legítimos proprietários pela posse e uso da terra, dentre as tantas etnias que as habitaram, durante o avanço empreendido pelos bandeirantes paulistas e portugueses, nos séculos XVIII e XIX. Os indígenas Guanús, da qual os Guanás ou guanazes eram os mais famosos, foram os precursores da tecelagem e utensílios manuais de Várzea Grande entre elas as redes e a cerâmica rude. Os Guanás, diferente dos Coxiponés e dos Paiaguás, aguerridos e agressivos contra a ocupação, eram hábeis em navegação de pirogas, canoieiros e laboriosos. As mulheres Guanás eram sábias em fiar, tecer e tingir o algodão com que fabricavam redes, da qual deu origem às famosas redes conhecidas nesta região, sendo erroneamente chamada somente de “rede cuiabana”, depreciando a produção que havia e há em terras varzeagrandense, a qual pode e deve ser chamada de Rede Varzeagrandense.

Palavra Chave: Arte indígena; Rede de dormir; Tecelagem; Utensílio domésticos.

Resumen

El tejido indígena en el estado de Mato Grosso, incluyendo Varzea Grande, cuenta con piezas producidas a partir de los marcos de alambre que dan origen a la red sueño o descanso como es conocido en todo Brasil. Desde el arte indígena y el contacto con mestizos y aventurero esta región varzeana de Mato Grosso todavía a finales del siglo XVII y principios del siglo XVIII, muchos paulistas como el portugués, durante la famosa marcha hacia el oeste que ocuparon estas tierras de Cuiabá, vela en Tiete en Sao Paulo Provincia al río Cuiabá y Coxipó Mirim. El tejido se utilizó para dormir y se visten de diario indígena. La

herencia de un arte que resiste el tiempo como utensilio doméstico en todos los rincones de Brasil. Los indios de la etnia Guanús habitado estas tierras en la orilla derecha del río Cuiabá y los propietarios legítimos de posesión y uso, entre los muchos grupos étnicos que vivieron aquí durante el progreso realizado por los bandeirantes paulistas y portugués, en los siglos XVIII y XIX. Los indios, que Guanús la Guanús o guanazes eran los más famosos fueron los precursores de tejer y utensilios manuales Várzea Grande, incluyendo la creación de redes y cerámica grosera. El Guanús, a diferencia de Coxiponés y Paiaguás, belicosa y agresiva contra la ocupación, eran expertos en canoas de navegación, piragüistas y laborioso. Las mujeres Guanús eran sabios en el hilado, el tejido y teñido de algodón que hizo las redes, lo que dio lugar a las famosas redes conocidas en la región, siendo llamado erróneamente única "red cuiabana," menospreciar la producción que existía y existe en la tierra varzeagrandense, que pueden y deben ser llamados Varzeagrandense red.

Palabra clave: arte indígena; Hamaca; tejer; utensilio doméstico.

Introdução



Minha Rede Varzeagrandense - 2015.

Estudo de investigação bibliográfica, quanto à origem da tecelagem indígena no estado de Mato Grosso e incluindo a manutenção da atividade no município de Várzea Grande, e suas peças produzidas a partir das tramas de fios que deram origem

a rede de dormir ou de descanso como é conhecida em todo o território brasileiro.

Construir um pensamento que justifique que nesta nossa região foi disseminada e ainda é uma arte praticada por um grupo de tecelãs em território varzeagrandense nas regiões de Limpo Grande, havendo naquela localidade um maior número de tecelãs, com grande expressão no domínio da arte de criação de peças a partir da tecelagem, entre elas as famosas redes varzeagrandense, e outras poucas senhoras já na terceira idade, que dominam a arte no distrito de Bonsucesso.

O presente estudo bibliográfico tem seu foco e a partir da arte indígena construída a partir do contato do caboclo e dos aventureiros nesta região varzeana do Mato Grosso ainda em fins do século XVII e início do século XVIII, pelos aventureiros paulistas e portugueses, quando da famosa marcha para o oeste que ocupou as terras às margens do Cuiabá, a partir da navegação pelo Tietê na Província de São Paulo, até adentrar o lendário Rio Cuiabá e Coxipó do Ouro.

Segundo FERREIRA (1986), a etimologia do termo Rede é oriunda da palavra latina *Rete*. Já "*Maca*" é oriundo do termo taino *hamaca*. "[...] rede de descanso ou rede de dormir é um utensílio doméstico de origem indígena, que era originalmente chamada de "hamaka" e feita com cipó e lianas". (grifo nosso).

O levantamento bibliográfico do artesanato e criação de peças artesanais da famosa Rede de dormir ou descanso, também conhecida como, "rede cuiabana", porem produzida em terras varzeagrandense, a qual



Tear manual – Casa de Arte Varzeagrandense. 2016.

tem suas origens na arte e cultura indígena da Etnia Guanus, que nos tempos coloniais habitaram esta margem direita do rio Cuiabá, e posteriormente, migraram para a região pantaneira do Corumbá, exigiu a busca de produções historiográficas referente ao tema em diferentes regiões brasileira.

Focamos nossos estudos na bibliografia existente, e publicações de relevantes investigações e expedições que ocorreram e registraram ainda no início do século XIX, registrando a prática da tecelagem pelas mulheres indígenas Guanás, a partir de fibras rústicas de algodão produzidas nas aldeias da etnia Guanus que povoavam esta região, à margem do rio Cuiabá.

A produção rústica da rede, muito utilizada para dormir, bem como vestimentas no cotidiano dos indígenas, que em suas relações com os aventureiros que nesta terra ousaram adentrar como passageiros ou alguns caboclos fixaram ocupação. Tal utensílio caiu no gosto dos tropeiros e moradores, herança de uma

arte que teimosamente resiste ao tempo e como utensílio de uso doméstico, é desejada e utilizada em todos os rincões do Brasil.

Como herança da cultura e práticas indígenas, que caiu no gosto de portugueses e paulistas, que a moda nativa, as utilizava para melhor acomodar-se no descanso e dormir durante suas longas viagens para o interior da Província mato-grossense, na prática comercial e bem como na busca incessante pelas riquezas da região. Os aventureiros buscaram nas terras do continente sul americano, conquistar riquezas, dominar a mão de obra indígena para as lavouras de cana-de-açúcar paulista e posteriormente nas ricas jazidas de ouro encontradas, consolidando e fixando a posse do território em nome do Reino português no princípio do século XVIII.

O trabalho baseou-se no levantamento historiográfico e na observação das práticas na periferia de várzea Grande, as tradições e costumes, na transferência de valores familiares e comunitários.

Conhecimentos centenários, herdado da cultura indígena e mantido como



Índios visitam os artistas europeus na casa onde eles estavam hospedados. Em imagem de Adrien-Aimée Taunay, dezembro de 1827.

bases sólidas, as práticas tradicionais em solo mato-grossense, com raízes em território varzeagrandense, como patrimônio de nossa gente cabocla, a partir dos contatos com as práticas, culturais e tradições indígenas, em sua gênese na Etnia Guanús, através da

arte da tecelagem na utilização **de fibras de algodão, cipó ou lianas.**

Da tecelagem rústica, herdou-se a trama de fios que hoje cultiva e produzem artesanalmente em nossa terra peças únicas, que embelezam nossas casas.

A origem da tecelagem

Segundo Twardokus (2004), a tecelagem é definida como o processo de produção de tecidos, tendo como base os fios por meio do cruzamento perpendicular de dois sistemas de fios paralelos: o urdume e a trama. A tecelagem



Rede Varzeagrandense, com temática da fauna matogrossense.

manual é provavelmente uma das artes mais antigas e estima-se que tenha iniciado aproximadamente em 5000 a.C. (LANZELLOTTI, 2009). Em todas as culturas são encontrados vestígios dessa arte que marca a História de seu respectivo povo.

A arte de tecer, segundo registra a história da humanidade, durante a evolução do processo de construção do espaço social pelo homem, e na construção de vínculo com a comunidade e a necessidade de sobrevivência, iniciam com a manipulação de fibras, tendo registro de sua existência ainda no período paleolítico.

Em sua História, está o desenvolvimento de uma técnica que veio aprimorando-se com o passar do tempo. Em vista disso, podemos afirmar que a tecelagem esteve presente na maior parte da História da humanidade, servindo como forma de aquecimento do corpo por meio das vestimentas, tecidas, pelas por mulheres Guanás.

Segundo Lanzelotti (2009), a tecelagem era feita entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos ou cestas. Teia de aranha e ninho de pássaros podem ter sido as fontes para a criação da tecelagem.

O primeiro tear foi provavelmente algo tão simples quanto uma estrutura vertical construída de galhos. Nele, os fios eram pendurados e tencionados. Outros fios eram então entrelaçados, manualmente, a certo ângulo daqueles já tencionados, criando um tecido rústico. Segundo o mesmo autor, é atribuída aos gregos à transferência do tear de posição vertical para a horizontal e aos egípcios a fixação dos fios de urdume em dois galhos, a fim de poderem ser separados, de modo a facilitar o entrelaçamento dos fios.

Durante seu desenvolvimento, a tecelagem serviu para a sobrevivência



Interior da habitação de uma família pobre, segundo Debret.

de pessoas, famílias e grupos na construção de seu espaço social. Assim, no processo evolutivo a tecelagem, serviu de garantia de resistência política e social, por exemplo, na libertação da sociedade Indiana, durante as lutas empreendidas por Mahatma Gandhi e sua

esposa Kastürba.

Portanto, podemos

afirmar que a tecelagem foi fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade.

No Brasil, algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. As mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a tecelagem passou a ser tramada no tear - então trazido pelos portugueses - e era desenvolvida pelas mulheres escravas e livres para a vestimenta das suas famílias.

Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil, quando a Rainha Dona Maria I, assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I, o fez pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportavam tecidos ao território brasileiro, e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local.

No Brasil algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. Trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil a tecelagem passa a ser tramada no tear então trazidos pelos portugueses. Em 1785 houve a proibição da confecção têxtil no Brasil. Em 1785, a rainha Dona Maria I, a Louca, assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I fez isso pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportava seus tecidos para o Brasil e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local (CASTRO, 2010).

Mesmo diante de tal proibição real, a tecelagem em diversas regiões



Homem sendo transportado em rede por escravos. Imagem de Debret.

interiorana da colônia portuguesa, sob a influência cultural, tradição e domínio da arte pelos indígenas, sobreviveu, mesmo que na

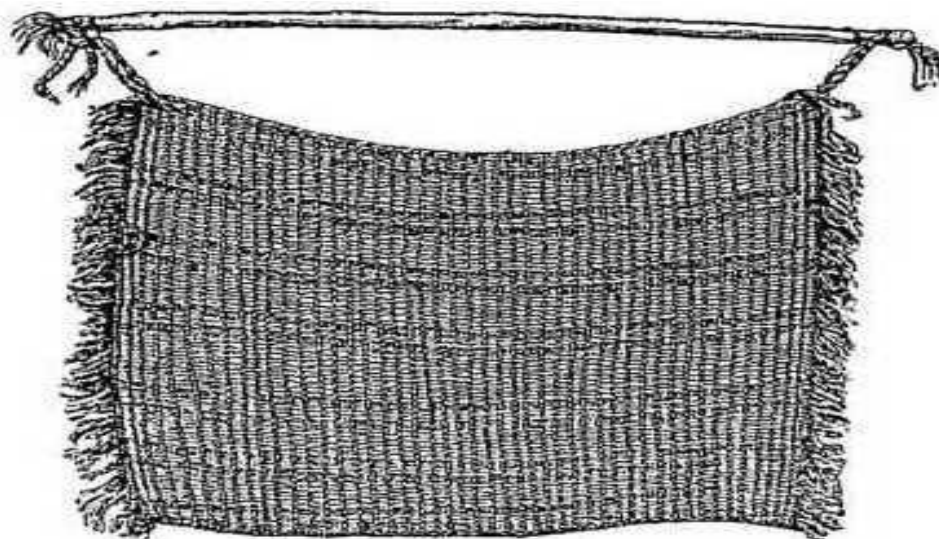
clandestinidade, fora do domínio

região sobre as práticas econômicas da colônia e bem como na vida social. Tal prática somente saiu da clandestinidade em 1809 quando Dom João VI, revoga, através de Alvará, o decreto de Dona Maria I.

O hábito indígena de dormir em redes, muito conveniente a quem tinha um estilo de vida nômade ou seminômade, espalhou-se amplamente pelas áreas de povoamento lusitano durante o período colonial. Sendo muitas vezes filhos de portugueses e índias, os bandeirantes de São Paulo fizeram uso habitual dessas camas portáteis em suas expedições pelo interior do

Brasil, [...]. "Bem sabereis o grande uso que tem nesta terra a rede, a qual é a cama mais pronta e mais fácil de conduzir: porém, como esta não basta para livrar das muitas chuvas que necessariamente se apanham em uma travessia tão grande do sertão, como esta, não guarda também da imensidade de mosquitos, que em partes se encontram: para suprir esta falta, inventaram os viandantes deste caminho o mosquiteiro, que vem a ser uma cobertura de linhagem, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos paus a que atam a rede, por cima dela dois palmos. Esta coberta chega até ao chão por todas as partes, fechada pelos lados e pelas cabeceiras, deixando-lhes nestas umas mangas para se enfiarem os punhos das redes. Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois de seu dono deitado nela." (MANIZER, apud TAUNAY, 1967,p.199).

A utilização da rede de dormir é ainda ressaltada como um utensílio de



Desenho de Hercules Florence de 1827, panão Guanás.

origem indígena, que fora muito apreciado pelos aventureiros paulistas e portugueses, em marcha rumo ao oeste, e que muito tempo depois,

durante a Expedição Langsdorff, repetia-se

ainda a mesma rotina das monções, quanto o montar acampamento, prover alimentação e instalar redes ao final de cada dia de viagem, conforme relato de Hércules Florence:

À tardinha, lá pelo por do sol, aproava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para toda a viagem. Uns cortavam árvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento; outros buscavam lenha seca para acenderem fogo; outros, enfim, armavam as barracas e suspendiam as redes. O cozinheiro preparava sua panelada dos feijões que deviam ser consumidos naquela hora ou no dia seguinte. (FLORENCE, 1925-1829)

A Arte Guaná

Os primeiros habitantes das terras à margem direita do rio Cuiabá e legítimos proprietários pela posse e uso, dentre as tantas etnias silvícolas que aqui habitaram, durante o avanço da Marcha para o Oeste, empreendida pelos bandeirantes paulistas e portugueses, nos séculos XVIII e XIX, encontramos a grande **Etnia Guanus**, composta por diversos grupos e aldeias, contando com uma população em torno de cinco a seis mil membros, bastante unidas em seus aldeamentos, ocupando as proximidades de onde hoje se localiza Corumbá (antigo: Albuquerque).



Desenho de Hercules Florence de 1827, mulheres Guanás.

"Os Guanás moram na margem oriental do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa africana. De todas as tribos das margens do Paraguai, esta é a que mais contatos tem com os brasileiros. Lavradores, cultivam o milho, o aipim e a mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão, com que se vestem, além de redes e cintas, suspensórios, silhas de selim e tabaco. Grande parte deles empregam-se nas plantações ou moendas, ganhando dois a três vinténs por dia, além do sustento, ou então se entrega a pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá, em cujo porto habitam numas choupanzinhas. (FLORENCE, 1827, pág. 423).

Os Índios da etnia Guanus, da qual os **Guanás ou guanazes** eram os mais famosos, fora a precursora da tecelagem e utensílios manual de Várzea Grande entre elas as redes e a cerâmica rude.

Ali K. Steinen encontrou ainda alguns Guanás em 1888. (Globus, vol. LXXV). Em nossa coleção de desenhos existe um excelente esboço de

aquarela figurando Guanás, feito em novembro de 1827, também em Cuiabá, pelo próprio Florence. [...] vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. Grande parte deles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a três vinténs por dia além do sustento, ou então entregavam à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá. (MANIZER, apud FLORENCE, 1967. p 103-106).

Em áreas da atual Várzea Grande, sul de Nossa Senhora do Livramento, cercanias de Santo Antônio do Leverger, habitavam os Guanás ou guanazes. Eram

definidos como silvícolas pacíficos e hospitaleiros, os quais mantiveram contatos comerciais com os brancos até meados do século XIX. Sua religião já havia sofrido a influência do



cristianismo

católico, pois era

uma mescla de catolicismo grotesco, não sendo nem cristão e nem pagão, tendo um culto onde eram batizados e suas práticas não tinham nenhuma relação com outras práticas religiosas e etnias.

A prática econômica de subsistência estava ligada ao cultivo da terra e ao comércio de troca. Por um curto período entre os séculos XVIII e XIX, foram fornecedores da região do Cuiabá, das redes grosseiras e da carne, muito apreciada pelos aventureiros nesta região, os quais passaram a criar gado na região um pouco pantanosa, que abrangia áreas de Praia Grande e do sul de Nossa Senhora do Livramento.

Os Guanás, diferente dos Coxiponés e Paiaguás, aguerridos e agressivos contra o processo de ocupação, contratavam com os brancos toda espécie de

serviços possíveis, eram hábeis em navegação de pirogas no rio Cuiabá, onde foram canoeiros e laboriosos.

A rede indígena é tecida em cipó e lianas; as mulheres dos colonos portugueses adaptaram a técnica indígena, passando a fazer redes em tecido compacto e com varandas e franjas ornamentais. [...] É sabido que o europeu recém-chegado ao Brasil aceitou o costume indígena sem relutância, e há razão para crer que, nos primeiros tempos, esses leitos maneáveis e portáteis constituiriam objeto de ativo intercâmbio com os naturais da terra. [...] Com as peças de serviço gentio da terra - tamoio, tupinaen, carijó... - introduziram-se também, nas casa paulistas, as cunhãs tecedeiras. E, com elas, os teares de tecer rede, onde a tradição indígena, pouco modificada neste caso, pela influência das técnicas adventícias, tem permanecido até nossos dias. (CASCUDO, 2003).

As mulheres Guanás eram sábias em fiar, tecer e tingir o algodão com que fabricavam redes, da qual deu origem às famosas redes conhecidas nesta região, que erroneamente chamada somente de “rede cuiabana”, depreciando a produção que havia e há em terras varzeagrandense, a qual pode e deve ser chamada de **Rede Varzeagrandense** a qual tem sua gênese rústica desenvolvimento nesta nossa região varzeana, as quais caíram no gosto dos aventureiros e bandeirantes levaram para outras partes do território brasileiro, tanto para serem comercializadas, quanto para o uso próprio.

Em seu diário, Florence descreveu pormenorizadamente o trabalho de tecelagem dos Guanás, e essas notas me parecem dignas de ser reproduzidas na íntegra: As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas pela palavra portuguesa panões, não têm, via de regra, mais que quatro varas de comprimento e duas ou três de largura. São tramados de um modo para mim desconhecido, os fios verticais inteiramente cobertos pelos horizontais de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espesso e próprio para barracas, por ser impermeável a mais violenta chuva. As mulheres Guanás que fazem esses panos usam um grande quadrado de cinco a seis pés de largura, de madeira apoiado sobre duas estacas perpendiculares. Nesse tear cruzam os fios com uma reguazinha de pau, não de uma vez, mas por grupos de 100 ou 150, que vão segurando um por um. Assim, se a cadeia tem 1.000 fios cruzam sete ou dez desses grupos, a fim de fazerem passar o fio em toda a largura da cadeia. Por aí se vê quanto tempo é preciso para acabar um panão. As mulheres [...] que fazem redes seguem o mesmo sistema. Para concluírem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis dias ou mais. Os panões têm riscas largas e de diferentes cores: escuro carregado, preto, branco, pardacento, ruivo e azul claro; mas essas cores, que os fabricantes tiram de minerais e vegetais, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa, descoram, parecem sujas, desmaiam; nunca, porém, de todo". (MANIZER, apud FLORENCE 1967).

Hercules Florence¹, membro da Expedição de Georg Heinrich Von Langsdorff, naturalista alemão entre os anos de 1821 a 1829, descreve um dos grupos da etnia Guanús, os Xamacocos “Dela fazia parte o grupo denominado Xamacocos, que Hercules Florence em 1827, como membro da expedição, disse trata-se de índios que viviam entre os guanazes, mas que atravessavam o rio em suas pirogas e vinham trabalhar em Cuiabá como servente entre os negros e nos serviços nas residências”. (**Grifo Nosso**).



Tradição em residência varzeagrandense – distrito de Bonsucesso.
Tavares, 2010.

Durante o processo de ocupação do Cuiabá e região no sentido a oeste, estes primeiros habitantes das terras pós rio Cuiabá, a sua margem direita, onde havia uma grande várzea, não resistiram ao processo, pela busca por ouro nesta região, na qual só ocorreram pequenos veios

auríferos de fiação, seguido da abertura de estradas boiadeiras e a ocupação pelo povoamento por caboclos e aventureiros, esse processo fez com que a pacífica população silvícola, fossem miscigenados e posteriormente deslocados para as regiões pantaneiras rios abaixo, onde com a instalação das famosas Usinas açucareiras e das fazendas de gado, foram absorvidos, ocorrendo a sua extinção definitiva, não tendo mais nenhum descendente puro nesta região.

Várzea Grande abriga uma arte centenária, a Arte de tecer, a Arte da criação, a partir de fios que formam peças únicas, com ricos detalhes, que somente mãos hábeis, com origens vocacionada nas tradições e cultura de um povo simples e ativo, podem fazê-las. Herança esta que resistem, em pequenos povoados do

¹ Citado por Ubaldo Monteiro in: VÁRZEA GRANDE passado e presente confrontos – 1867-1987 – Cuiabá-Mt. Editora: Policromos Editora Gráfica - P 17.

território varzeagrandense, perpetuado pelos pequenos grupos, tendo sua maior expressão nas Comunidades de Limpo Grande, Capão Grande e Bonsucesso, onde ainda detêm a técnica e dominam a criação da tecelagem artesanal, com um colorido, reconhecida em todo o Brasil e até no exterior.

A Herança desta arte vem dos primeiros habitantes da região, tendo sem dúvida alguma suas origens nas mães das mulheres Guanás, hábeis tecelãs, as quais dominando a criação do citado “panão” pelos portugueses deram origem a rede de dormir com materiais rústicos em séculos passados, que as tecelãs das Comunidades distritais de Várzea Grande dominam na atualidade a criação de redes e peças com desenhos retratando a flora e fauna regional e local, com cores forte certamente influenciadas pela exuberância do ambiente natural e o clima quente de nossa terra no planalto central.

As técnicas de tear vertical, outra herança da cultura indígena, feitas por senhoras por gerações que passam de pais para filhos. A produção de rede, as que indevidamente são chamadas de “Rede Cuiabana”, porém o seu uso fora muito apreciado pelos aventureiros paulistas nesta nossa região, dada o seu uso pelos indígenas Guanás, os quais as teciam com muita habilidade, mesmo sendo uma tecelagem rústica, o seu uso fora disseminado por toda a região.

Os índios foram os primeiros que, com seu saber milenar, contribuíram para o enriquecimento da cultura mato-grossense. Organizados em pequenos agrupamentos intitulados tribos, os primeiros habitantes do Brasil tinham uma cultura extensa e rica. Cultura nobre seria aquela que reproduzisse os valores vindos de Portugal e de toda Europa. Assim, serão reproduzidas na região mineira de Mato Grosso as formas de viver e de pensar europeias. Quando o colonizador português atingiu a região oeste da Colônia, mesmo tendo para isso se apropriado da cultura milenar dos índios, acabou descartando esse saber indígena, na organização dos arraiais e vilas, terminou por impor o modo de vida e uma cultura europeia... reproduziram ali os hábitos e costumes trazidos[....] (SIQUEIRA, 1997, p 31)

A “**hamaka**” – ou rede de dormir – é um legado da cultura e tradição indígena, a qual remonta os tempos coloniais, período este em que o paulista e português, ocuparam esta região, num processo de mistura étnica entre eles: indígenas, portugueses, paulistas, caboclos aventureiros, todos com suas tradições e culturas, contribuem para a geneses da sociedade varzeagrandense, desde os séculos XVII e XVIII, com as relações estabelecidas com os indígenas do povo

Guaná, chega ao nosso tempo, marcando nossas tradições e manifestações culturais no século XXI.

A herança e o domínio da arte de criar a partir da tecelagem rústica, num processo de transmissão cultural desde o período colonial brasileiro, em terras varzeagrandense, entre as mulheres indígenas e colonas, numa inter-relação ocorreram à troca de saberes, costumes e culturas, fazendo com que sejam as técnicas em constantes evoluções, produzissem a partir do rustico peças únicas com uma beleza sem igual da criação artesanal, porém mantendo a herança e fazendo perpetuar o que de mais glorioso fora ao tempo sendo passado de geração a geração.

Deste processo de evolução destacamos, as suas varandas, passando a tecer redes em algodão, enfeitadas com franjas em que retratam a fauna, a flora e bem como outras manifestações tradicionais da cultura matogrossense e varzeagrandense como a viola de cocho, que é patrimônio histórico do povo de Mato Grosso.

Na atualidade, as redes são tecidas ou até fabricadas em escalas industriais em materiais sintéticos etc, tendo sua marca na originalidade e tradicional arte de fiar, tecidas artesanalmente em teares manuais, a partir de fios em algodão. Assim, a expressão Rede Varzeagrandense, precisa ser preservada na memória de nossa gente, para que não percamos mais esta arte, no ritmo das atividades consumistas da modernidade, no linguajar e na valorização da cultura em nossas comunidades tradicionais como Bonsucesso, principalmente na expressiva e destacada arte da tecelagem mantida em Limpo Grande.

Referencia Bibliografia

BRAGA, Marcos Pinto. Os primeiros passos para a volta. In: Seminário Internacional sobre o Acervo da Expedição Científica de G. I. Langsdorff, 2., São Paulo, Universidade de São Paulo - USP, 1988.

BRASIL/MEC. Da viagem que fez o Conde de Azambuja, D. Antônio Rolim, da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá em 1751, in TAUNAY, A. de E. História das Bandeiras Paulistas, vol. 3, 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975, p. 199.

CARNEIRO, N. Rugendas no Brasil. São Paulo: Kosmos, 1979.

CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica. Revista Ciência Hoje, nov/dez 1992, página 104. 2 ed. São Paulo: Global, 2003.

CASTRO, Amanda Mota Angelo. **BECKER**, Márcia Regina. **EGGERT**, Edla. Técnica e Arte: Trabalho artesanal produzido por mulheres e sua (in)visibilidade social. VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Genero. Curitiba – Paraná, 2010.

DEBRET, J. B. Voyage Pittoresque et Historique au Brésil, vol. 2. Paris: Firmin Didot Frères, 1835 / Brasiliana USP.

EGGERT, Edla. Educação popular e teologia das margens. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003. _____. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. IN: À flor da Pele Ensaios sobre gênero e corporeidade. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. pp. 1056/1466.

FERREIRA, J. A. "Noticia sobre os Indios de Matto-Grosso", *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*, organizado por S. C. Ayala & F. Simon, Corumbá/Hamburgo. 1914[1848], pp.88-97.

FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829*, Tradução do Visconde de Taunay, São Paulo, Cultriz/Edusp. 1977.

MANIZER, Genrikh Genrikhovich. "A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)", G.G. Manizer. Trad. Osvaldo Peralva. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1967.

MONTEIRO, S. & Kaz, L. (Ed.) 1988 *Expedição Langsdorff ao Brasil*, Rio de Janeiro, Alumbramento/Livroarte, v.3.

LANZELOTTI, Gilberto. História da tecelagem artesanal no Brasil. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.

REICHEL, Heloísa Jochims. A indústria têxtil do Rio Grande do Sul: 1910/1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1978.

SENAC. Fios e Fibras Oficina de artesanato. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2002.

Siqueira, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997.

TWARDOKUS, Rolf Guenter. Reuso de Água no Processo de Tingimento da Indústria Têxtil. 2004. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química). Universidade Federal de Santa Catarina/ Florianópolis. Disponível em: <<http://www.abqct.com.br/artigost/artigoesp33.pdf>> Acesso em 12 de março de 2017.

XENOS, Harilaus G.. Gerenciando a manutenção produtiva. Belo Horizonte. DG Editora, 1998.